REVISTA SAÚDE DOS VALES

ISSN: 2674-8584 V.04 – N.01 – 2025
DOI: 10.61164/bw2sfe56

INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM À PESSOA IDOSA EM CUIDADOS PALIATIVOS

NURSING INTERVENTIONS FOR THE ELDERLY IN PALLIATIVE CARE

Lanna Deily Lopes da Silva
Acadêmica do 10° período do curso de Enfermagem,
Centro Universitário UniBRAS Rio Verde.
E-mail: lannadeily.hta@gmail.com

Gleyce Kelly Silva
Coordenadora do curso de Enfermagem,
Centro Universitário UniBRAS Rio Verde.
E-mail:gleyce.silva@braseducacional.com.br

Recebido:15/09/2025 - Aceito: 29/09/205

RESUMO

Este estudo aborda os cuidados paliativos como uma estratégia fundamental de assistência à saúde, destinada a pacientes com doenças crônicas progressivas, sem possibilidade de cura. Por meio de uma revisão narrativa da literatura, foram analisados aspectos históricos, conceituais e práticos dos cuidados paliativos, bem como o papel dos profissionais de saúde, especialmente da enfermagem, na promoção de um atendimento integral, humanizado e voltado para a dignidade do paciente. Observa-se que, embora os cuidados paliativos estejam consolidados em países como o Reino Unido, sua implementação no Brasil ainda enfrenta desafios estruturais, como a carência de infraestrutura, de políticas públicas consolidadas e de capacitação profissional. Nesse contexto, a enfermagem desempenha papel central, por estar em contato direto e contínuo com o paciente e sua família, atuando no alívio da dor, no manejo dos sintomas, no suporte emocional e espiritual e no acompanhamento durante o processo de luto. Conclui-se que a qualificação profissional e a integração multiprofissional são indispensáveis para fortalecer a prática dos cuidados paliativos e garantir uma assistência digna e humanizada aos pacientes em terminalidade.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos. Enfermagem. Humanização da saúde. Qualidade de vida.

ABSTRACT

This study addresses palliative care as a fundamental health care strategy aimed at patients with progressive chronic diseases with no possibility of cure. Through a narrative literature review, historical, conceptual, and practical aspects of palliative care were analyzed, as well as the role of health professionals especially nursing in promoting comprehensive, humanized care focused on the patient's dignity. It is observed that although palliative care is well established in countries such as the United Kingdom, its implementation in Brazil still faces structural challenges, such as the lack of infrastructure, consolidated public policies, and professional training. In this context, nursing plays a central role, being in direct and continuous contact with patients and their families, acting in pain relief, symptom management, emotional and spiritual support, and grief assistance. It is concluded that professional qualification and multiprofessional integration are essential to strengthen the practice of palliative care and to ensure dignified and humanized care for terminally ill patients.

Keywords: Palliative Care. Nursing. Humanized care. Quality of life.

1 INTRODUÇÃO

Os cuidados paliativos representam uma abordagem essencial na assistência à saúde, sendo direcionados a pacientes com doenças crônicas progressivas, sem possibilidade de cura, mas que necessitam de suporte para garantir qualidade de vida, alívio da dor e sofrimento. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define os cuidados paliativos como um conjunto de práticas que visam prevenir e aliviar o sofrimento físico, emocional, social e espiritual, assegurando que o paciente receba assistência humanizada até o fim da vida (ANCP, 2018).

Historicamente, os cuidados paliativos ganharam destaque na década de 1960, com a atuação pioneira de Cicely Saunders, que fundou o primeiro hospice no Reino Unido (FONSECA *et al*., 2022). A partir desse movimento, essa abordagem foi sendo incorporada a diferentes sistemas de saúde, sendo amplamente reconhecida como uma necessidade fundamental no atendimento a pacientes em estado avançado de enfermidade (ARAÚJO; SILVA, 2015). No Brasil, a estruturação dos cuidados paliativos ainda é um desafio, principalmente devido à falta de infraestrutura e à capacitação inadequada dos profissionais de saúde para lidar com a terminalidade da vida (BRASIL, 2018).

A prestação de cuidados paliativos exige um modelo de assistência multidisciplinar, no qual profissionais de diferentes áreas atuam em conjunto para proporcionar conforto ao paciente e suporte à família. Os enfermeiros desempenham um papel central nesse processo, pois estão diretamente envolvidos no acompanhamento contínuo do paciente, na administração de medicamentos, no controle da dor e no suporte emocional. No entanto, muitos enfermeiros enfrentam dificuldades para oferecer esse cuidado de forma integral, seja por limitações na formação acadêmica, seja por barreiras estruturais nas instituições de saúde (FONSECA *et al*., 2022).

A ausência de diretrizes claras para a implementação dos cuidados paliativos na atenção primária e hospitalar também impacta a qualidade da assistência prestada. Embora o Ministério da Saúde tenha publicado normativas sobre o tema, a falta de integração entre os níveis de atenção dificulta a continuidade do cuidado, resultando em lacunas no atendimento e sofrimento desnecessário para os pacientes e suas famílias (BRASIL, 2018). O despreparo dos profissionais para lidar com aspectos emocionais e

psicológicos do processo de morte e luto representa um desafio adicional na humanização do atendimento (GONÇALVES, 2016).

Considerando esse cenário, surge a necessidade de investigar como os profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, enfrentam os desafios da assistência paliativa e quais estratégias podem ser adotadas para melhorar a qualificação desses profissionais. Compreender as competências necessárias para a atuação eficaz em cuidados paliativos permitirá a formulação de medidas que garantam um atendimento mais digno e humanizado, alinhado às necessidades individuais de cada paciente e de sua família (Fonseca *et al*., 2022).

Este estudo se justifica pela crescente demanda por cuidados paliativos no Brasil e pela necessidade de fortalecer a formação dos profissionais de saúde nesse campo. A carência de capacitação específica e de políticas estruturadas compromete a qualidade da assistência oferecida, impactando negativamente tanto os pacientes quanto os familiares que os acompanham (ALVES; SOUSA, 2015).

Diante do aumento da população idosa e da prevalência de doenças crônicas progressivas, torna-se urgente a adoção de estratégias que assegurem um cuidado integral e humanizado para pacientes em fase avançada de doença. Entretanto, muitos serviços de saúde ainda não possuem estrutura adequada para a oferta de cuidados paliativos, e os profissionais de saúde nem sempre estão preparados para lidar com a terminalidade da vida.

Dessa forma, o presente estudo busca responder à seguinte questão: Quais são os principais desafios enfrentados pelos profissionais de saúde, especialmente enfermeiros, na implementação dos cuidados paliativos, e como a capacitação pode contribuir para a melhoria da assistência prestada?

A relevância deste estudo se justifica pela necessidade crescente de ampliar e qualificar os cuidados paliativos na rede de atenção à saúde, garantindo uma assistência eficaz e humanizada para pacientes que enfrentam doenças incuráveis. A terminalidade da vida ainda é um tema cercado por tabus e desafios, tanto para os pacientes e suas famílias quanto para os próprios profissionais de saúde, que muitas vezes não possuem preparo suficiente para lidar com a morte e o sofrimento de forma adequada (BRASIL, 2018).

O presente estudo busca analisar a atuação dos profissionais de saúde, especialmente enfermeiros, na prestação de cuidados paliativos, identificando os principais desafios e competências necessárias para a implementação eficaz dessa assistência; além de investigar a evolução histórica e conceitual dos cuidados paliativos, compreendendo suas bases filosóficas e sua inserção no contexto da saúde pública e identificar os principais desafios enfrentados pelos profissionais de saúde na implementação dos cuidados paliativos, tanto em ambiente hospitalar quanto domiciliar.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo se caracteriza como uma revisão narrativa da literatura, com enfoque qualitativo e descritivo. A proposta metodológica baseou-se na seleção e análise crítica de materiais científicos, documentos institucionais e publicações técnico-legais que discutem os CP no contexto da atuação dos profissionais de saúde, especialmente da enfermagem. A escolha dessa abordagem permitiu explorar diferentes perspectivas sobre os desafios enfrentados na implementação dos CP, bem como as competências exigidas para um cuidado humanizado e integral.

A construção do referencial teórico foi orientada pela identificação de conteúdos relevantes que abordassem a evolução histórica, os princípios fundamentais e as práticas associadas aos CP. Foram considerados artigos que contribuíssem para

compreender a importância da formação profissional, as limitações existentes na rede de atenção à saúde e as possíveis estratégias de qualificação. A análise dos dados foi realizada de forma interpretativa, priorizando conteúdos que dialogassem com os objetivos propostos, possibilitando uma reflexão aprofundada sobre a realidade da assistência paliativa no Brasil.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Os CP surgiram em resposta à tendência desumanizante na medicina moderna, por meio do movimento dos CP surgido em 1967, iniciado por mulheres como Cicely Saunders na Inglaterra e posteriormente Elizabeth Kulber-Ross nos Estados Unidos (SILVA *et al*., 2022).

Quanto à institucionalização dos CP, teve início no Reino Unido na década de 1960 com o objetivo muito explícito de trazer a vida de volta aos dias, não aos dias, bem como amenizar o sofrimento no processo de morte, pois os pacientes em final de vida não precisam mais de cuidados médicos, mas de CP, cujo objetivo principal é aliviar a dor e promover o conforto aos pacientes em estado terminal. Tratando o paciente de maneira integral, como um todo, pois seu sofrimento envolve-o como um todo (HERMES; CRISTINA, 2013).

Na atualidade, os CP são comuns, embora o acesso à prática desses cuidados seja bastante assimétrico em todo o mundo, mesmo a nível europeu, sendo baseado no respeito pela pessoa humana e sua dignidade, e seu lema é sempre a pessoa primeiro, colocando-o assim acima da ciência e da tecnologia (BAYER, 2017). O conceito de CP evoluiu ao longo do tempo, conforme a filosofia de saúde se desenvolveu em diferentes regiões do mundo. Os CP foram definidos não em relação ao órgão, idade, tipo de doença ou patologia, mas principalmente para avaliar o provável diagnóstico e possíveis necessidades especiais do paciente e sua família (OLIVEIRA; ANDRADE; JÚNIOR, 2024).

Os CP se aplicam quando ocorre o fato de que mesmo quando não há nada a ser feito, quando o tratamento não é mais possível, o cuidado torna-se ainda mais importante. Quando a recuperação não é mais esperada, ainda há espaço para ação: aliviar a dor, tratar os sintomas e abordar as questões e aspirações morais e espirituais dos pacientes e seus familiares (ARAÚJO; SILVA, 2015).

De acordo com Arcanjo *et al*. (2018), é uma abordagem que promove a qualidade de vida dos pacientes e suas famílias que lutam contra doenças potencialmente fatais, prevenindo e aliviando o sofrimento. Requer a identificação, avaliação e tratamento precoce da dor e de outros problemas físicos, psicossociais e espirituais. O Ministério da Saúde (MS) considera que os CP se caracterizam como uma abordagem que vislumbra a melhoria da qualidade de vida do paciente e de seus familiares diante de uma doença sem prognóstico e que certamente vai levar a óbito, para que se tenha a garantia de conforto e bem-estar no que se refere a uma morte digna, os cuidados devem ser prestados por equipe multidisciplinar em âmbito hospitalar, ambulatorial e domiciliar (BRASIL, 2018).

Os CP surgiram como uma possível alternativa à filosofia do pensamento sobre a morte isolada. Sendo que os cuidados paliativos se voltam à assistência a pacientes que não possuem possibilidade de cura, e tais cuidados são oferecidos de modo interdisciplinar voltado aos cuidados totais, ativos e integrais (FONSECA; GEOVANINI, 2018).

Para a Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP, 2018), os cuidados paliativos seguem uma série de princípios norteadores fundamentais. Entre eles, destaca-se a promoção do alívio da dor e de todos os sintomas desagradáveis, assegurando o conforto do paciente em todas as fases da doença. Esses cuidados

reconhecem a morte como um processo natural, ao mesmo tempo em que afirmam o valor da vida, sem intenção de apressar ou adiar o desfecho final.

Os CP envolvem a integração de aspectos psicológicos e espirituais ao tratamento, oferecendo suporte integral ao paciente para que ele possa manter a maior autonomia e dignidade possível até o fim de sua vida. Também é essencial prestar apoio aos familiares, tanto durante o acompanhamento do paciente quanto no enfrentamento do luto. A atuação da equipe multiprofissional deve ser orientada para atender às necessidades físicas, emocionais, sociais e espirituais dos pacientes e seus familiares, garantindo um cuidado humanizado e contínuo (ANCP, 2018).

Segundo Xavier *et al*. (2019), CP significam proteger, apoiar, cobrir, abrigar, ou seja, uma perspectiva de cuidado, não só de cura, mas também trazendo a essência do cuidado em todas as dimensões psicológicas, sociais e espirituais do paciente e de sua família. Os cuidados paliativos baseiam-se em saberes específicos de várias especialidades, possibilidades de intervenção clínica e terapêutica em várias áreas do conhecimento das ciências médicas e conhecimentos específicos (GONÇALVES, 2016).

Os CP se aplicam a adultos, crianças e idosos e se direcionam à prevenção, identificação e tratamento de pacientes acometidos por patologias crônicas, sem prognóstico ou possibilidade de cura, que exigem cuidados para amenizar o sofrimento e proporcionar uma boa morte. Os CP envolvem uma assistência que engloba o corpo, a mente e o espírito do paciente, bem como o suporte à sua família. Nesse sentido, as prioridades em relação aos CP são: o alívio do sofrimento, que vai além do fator biológico de cuidar e se aplica também aos quesitos sociais e emocionais (SATO *et al*., 2023).

Se direciona à prevenção, identificação e tratamento de pacientes acometidos por patologias crônicas, sem prognóstico ou possibilidade de cura. Pode ser utilizado em qualquer período dessas doenças, objetivando controlar a patologia, promover o bem-estar e melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Os CP são implementados da seguinte forma: o CP não se apresenta como medicina preventiva ou curativa, mas prevalece a beneficência, considerando a autonomia do paciente e de sua família; o primeiro objetivo é preservar a vida, ainda que haja um grau de sofrimento. Nessa fase, não cabem medidas consideradas como invasivas, prima-se pelo bem-estar e pela qualidade de vida; quando a morte não puder ser evitada, os CP se aplicam como medicina paliativa, onde se prioriza aliviar o sofrimento (SCHINZARI; SANTOS, 2014).

Os CP se enquadram no cuidado dentro de um contexto holístico, vai além do simples cuidar e envolve a pessoa na centralidade do cuidado. Trata-se da aplicação de ações que visam o cuidado e tratamento em um contexto subjetivo. Dessa forma, os CP trazem os seguintes princípios (SBP, 2017): 1. Respeito à dignidade dos pacientes e de seus familiares; 2. Acesso a um serviço competente e compassivo; 3. Serviço com suporte aos profissionais de saúde; 4. Melhora do suporte social e profissional para os cuidados paliativos; 5. Melhora contínua dos CP, através da pesquisa e educação.

Deve atentar-se, portanto, de que o CP se volta à diminuição da dor e do sofrimento. Trata-se de um cuidado direcionado à melhoria da qualidade de vida na finitude e no processo de morte, envolvendo o paciente, a família e o profissional de saúde (ANCP, 2018).

O papel da enfermagem nos CP é fundamental para a efetivação de uma assistência integral e humanizada, visto que a equipe de enfermagem está presente em todas as fases do cuidado, acompanhando o paciente e sua família de forma contínua. Como destaca Silva et al. (2022), a filosofia dos CP surgiu para combater a desumanização da medicina, e nesse cenário os enfermeiros assumem o compromisso de resgatar a dignidade do cuidado, sendo mediadores entre o sofrimento e a possibilidade de conforto.

Hermes e Cristina (2013) ressaltam que os CP tratam o paciente como um todo, reconhecendo que o sofrimento transcende o físico. Nesse contexto, a enfermagem é a

categoria que mais tem contato direto com os pacientes, sendo responsável por identificar precocemente necessidades emocionais, sociais e espirituais, além de administrar a dor física. Assim, o enfermeiro atua como elo entre o paciente, sua família e a equipe multiprofissional, garantindo a integralidade do cuidado.

Segundo Bayer (2017), a essência dos CP é a valorização da pessoa acima da tecnologia, e a enfermagem, nesse sentido, representa a face mais próxima e sensível desse cuidado. O enfermeiro não apenas executa procedimentos, mas também se coloca como presença acolhedora, que escuta, orienta e conforta, preservando a autonomia e a dignidade do paciente até o fim da vida.

Oliveira, Andrade e Júnior (2024) destacam que os CP não são definidos pela doença, mas pela necessidade de um cuidado integral. Nessa perspectiva, a enfermagem tem papel estratégico em identificar os sinais de sofrimento e adaptar intervenções personalizadas, de acordo com cada paciente e família. Isso inclui tanto medidas técnicas quanto a oferta de suporte psicológico e social, reforçando a amplitude de atuação dos enfermeiros.

Araújo e Silva (2015) enfatizam que, mesmo quando não há possibilidade de cura, há espaço para a ação da enfermagem no alívio da dor, no manejo de sintomas e no cuidado com questões espirituais. Cabe ao enfermeiro ser a presença constante que sustenta o paciente e sua família nesse momento delicado, garantindo que o cuidado não cesse quando o tratamento médico não é mais possível.

De acordo com Arcanjo et al. (2018), os CP promovem qualidade de vida e exigem avaliação contínua de aspectos físicos, psicossociais e espirituais. O enfermeiro é peça-chave nesse processo, pois realiza avaliações frequentes, planeja intervenções individualizadas e acompanha a evolução do paciente, atuando com sensibilidade e competência técnica para ajustar o cuidado conforme a necessidade.

O Ministério da Saúde (BRASIL, 2018) ressalta que os CP devem ser ofertados em nível hospitalar, ambulatorial e domiciliar, sempre por equipes multiprofissionais. Nesse arranjo, a enfermagem é responsável por operacionalizar grande parte das ações de cuidado, desde procedimentos técnicos até orientações educativas, além de acompanhar o luto da família, ampliando o escopo da assistência.

Fonseca e Geovanini (2018) lembram que os CP são oferecidos de modo interdisciplinar, e nesse contexto a enfermagem precisa dialogar constantemente com outras áreas, assegurando que o cuidado seja total e ativo. O enfermeiro, por ser o profissional mais próximo do paciente, assume a função de coordenador do cuidado, levando as necessidades observadas aos demais membros da equipe.

Para a ANCP (2018), a morte deve ser reconhecida como um processo natural e o cuidado deve focar no alívio da dor e no conforto. A enfermagem, nesse sentido, atua como guardiã desse princípio, assegurando que o paciente viva com dignidade até o fim e que a família receba o suporte adequado para enfrentar o processo de despedida e luto.

Xavier et al. (2019) e Sato et al. (2023) reforçam que o cuidado de enfermagem em CP deve abranger todas as dimensões humanas, incluindo corpo, mente e espírito. Essa perspectiva holística, ancorada nos princípios éticos e humanísticos, confere à enfermagem um papel central na efetivação dos CP, reafirmando o compromisso da profissão com a vida, o respeito e a dignidade em todas as fases da existência.

4.CONCLUSÃO

Os cuidados paliativos configuram-se como um eixo fundamental da assistência em saúde, ao oferecer um olhar que vai além da perspectiva curativa, priorizando a dignidade, o conforto e a qualidade de vida de pacientes com doenças crônicas avançadas ou em estágio terminal. A análise realizada evidencia que, apesar de

avanços históricos e conceituais relevantes, ainda persistem inúmeros desafios para sua implementação efetiva, especialmente no contexto brasileiro. Entre esses desafios destacam-se a ausência de políticas públicas integradas, a insuficiência de infraestrutura nos serviços de saúde, a escassez de equipes multiprofissionais capacitadas e, sobretudo, a carência de formação específica dos profissionais de saúde, em especial da enfermagem, para lidar com a terminalidade da vida.

A enfermagem emerge como protagonista nesse cenário, assumindo a linha de frente no acompanhamento contínuo do paciente e de sua família. Cabe ao enfermeiro não apenas a execução de cuidados técnicos, mas também o acolhimento das demandas emocionais, sociais e espirituais, tornando-se mediador entre o sofrimento e a possibilidade de conforto. Esse protagonismo reforça a necessidade de fortalecer a formação acadêmica e continuada em cuidados paliativos, de modo que os enfermeiros estejam aptos a atuar em consonância com os princípios de integralidade, beneficência e respeito à autonomia.

Outro ponto relevante evidenciado é a importância da interdisciplinaridade como base para o sucesso dos cuidados paliativos. Somente por meio da integração de diferentes áreas do conhecimento é possível garantir que o paciente receba assistência plena, que contemple desde o controle da dor e dos sintomas até o apoio emocional e espiritual. Nesse sentido, a enfermagem tem papel articulador, levando para a equipe multiprofissional as necessidades observadas no contato diário com o paciente.

Observou-se, ainda, que a sociedade brasileira precisa avançar na superação dos tabus que envolvem a morte e o processo de morrer. O enfrentamento desses paradigmas culturais é fundamental para que a abordagem paliativa seja compreendida e aceita não apenas pelos profissionais de saúde, mas também pelas famílias e pela comunidade em geral. A aceitação da morte como parte natural da vida possibilita que o cuidado seja direcionado à humanização, ao alívio do sofrimento e à preservação da dignidade até os últimos momentos.

Portanto, conclui-se que os cuidados paliativos não devem ser compreendidos como a ausência de tratamento, mas como a presença de um cuidado mais abrangente, compassivo e ético. O fortalecimento dessa prática no Brasil demanda investimentos em políticas públicas, em estrutura hospitalar, ambulatorial e domiciliar, bem como em programas de capacitação permanente para os profissionais de saúde. A enfermagem, nesse processo, reafirma sua relevância histórica e contemporânea, sendo a profissão que mais se aproxima do paciente, garantindo que a vida seja respeitada em sua integralidade, mesmo diante da impossibilidade de cura.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. D.; SOUSA, J. M. Competências do enfermeiro para o cuidado paliativo na atenção domiciliar. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 28, p. 264-269, 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ape/a/tc4wxZ8bRw5YcXqd7Dzdh9v/. Acesso em: 21 maio 2025.

ANCP (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS). Panorama dos Cuidados Paliativos no Brasil. Disponível em: https://paliativo.org.br/ancp-divulga-panorama-dos-cuidados-paliativos-no-brasil/. Acesso em: 20 maio 2025.

ARAÚJO, M. M. T.; SILVA, M. J. P. Estratégias de comunicação utilizadas por profissionais de saúde na atenção à pacientes sob cuidados paliativos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 46, n. 3, p. 626-632, 2015. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/reeusp/a/PkND3TttB3sCS8d9jWQkLGQ/. Acesso em: 10 maio 2025.

ARCANJO, S. P.; SAPORETTI, L. A.; CURIATI, J. A. E. *et al*. Clinical and laboratory characteristics associated with referral of hospitalized elderly to palliative care. *Einstein (São Paulo)*, v. 16, n. 1, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/eins/a/CYcTNDDkX84TLzfKntGyWnD/?lang=pt. Acesso em: 24 maio 2025.

BAYER, R. C. Cuidados paliativos no setor de emergência. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. Univates. Disponível em: https://www.univates.br/bdu/handle/10737/1192. Acesso em: 02 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. PORTARIA Nº 2.436, DE 21 DE SETEMBRO DE 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html. Acesso em: 10 abril 2025.

FONSECA, A.; GEOVANINI, F. Cuidados paliativos na formação do profissional da área de saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 37, n. 1, p. 120–125, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbem/a/DJvJFxwSSZ9CDBxkvMmHYfj/abstract/?lang=pt. Acesso em: 06 março 2025.

FONSECA, L. S.; SILVA, R. M.; OLIVEIRA, M. L. Atuação do enfermeiro em cuidados paliativos na atenção primária à saúde: revisão integrativa. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 68, n. 1, p. 071383, 2022. Disponível em: https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1371142. Acesso em: 08 março 2025.

GONÇALVES, A. I. R. Monitorização de utentes em cuidados paliativos: análise dos registos clínicos. 2016. Tese (Doutorado). Disponível em: https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/3057. Acesso em: 24 abril 2025.

HERMES, H. R.; CRISTINA, I. Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 9, p. 2577–2588, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/6RByxM8wLfBBVXhYmPY7RRB/. Acesso em: 12 maio 2025.

OLIVEIRA, E. G. de; ANDRADE, C. L. F.; JÚNIOR, N. F. P. Cuidados paliativos: compreensões da equipe de enfermagem. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, v. 17, n. 9, p. e10584, 2024. Disponível em: https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/10584. Acesso em: 24 abril 2025.

SATO, C. K.; YAMAGUCHI, M. B.; SUZUKI, M. Y. *et al*. A importância do olhar gerontológico na gestão do Centro-dia. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 26, n. 33, 2023. Disponível em: https://kairosgerontologia.com.br/index.php/kairos/article/view/19. Acesso em: 15 março 2025.

SBP (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA). Cuidados paliativos na criança e na adolescência. 2017. Disponível em: https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/cuidados-paliativos-na-crianca-e-na-adolescencia/. Acesso em: 15 março 2025.

SCHINZARI, N. R.; SANTOS, F. S. Cuidados paliativos: alívio do sofrimento e qualidade de vida. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 67, n. 1, p. 130-135, 2014. Disponível em: https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/532. Acesso em: 22 maio 2025.

SILVA, R. M.; CASTRO, M.; GUALBERTO MARINHO, T. *et al*. Cuidado paliativo no Brasil. *Synthesis | Revista Digital FAPAM*, v. 11, n. 1, 2023. Disponível em: https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis/article/view/601. Acesso em: 22 maio 2025.

XAVIER, C. A. *et al*. Palliative care: an alternative to oncologic users out of therapeutical possibilities. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, v. 4, n. 4, p. 2797, 2019. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750895019.pdf. Acesso em: 24 maio 2025.